

---

# Integrando Fé e Ensino na Sala de Aula da Faculdade

## Parte I

### As Descobertas de Um Professor

---

Bill Walthall

---

**E**ra o tipo de experiência que nenhum professor deseja ter. O aluno cristão inteligente e maduro que se assentava exatamente na frente de minha escrevaninha, confessou-me com certa frustração: “Sinto que a parte acadêmica de minha vida está destruindo a parte espiritual”.

Ao me escorregar um pouco mais para baixo em minha cadeira, ele explicou: “Fico tão envolvido com os estudos que não tenho tempo para Cristo. Existe eu – o cristão, e existe eu – o estudante; e o eu cristão está perdendo terreno”. Se eu estivesse lecionando numa universidade mundana poderia esperar que ele tivesse tal dificuldade. Mas como professor cristão numa universidade cristã, senti-me inapto e intimidado. Eu poderia ter despedido facilmente o problema afirmando que “a dificuldade estabelece a prioridade do tempo”. Mas eu sabia que em minha busca de altos padrões acadêmicos, tinha negligenciado meu

alvo básico do ensino – educar cristãos de maneira cristã. Subitamente compreendi que *eu* havia separado minha vida cristã da vida acadêmica. O resultado? Meus alunos estavam aprendendo que estes dois aspectos de *sua* vida devem estar separados.

Este artigo é uma tentativa de partilhar minhas descobertas sobre integração de fé e ensino numa sala de aula universitária. A maioria de minhas descobertas surgiram através da

experiência e do erro. Embora haja muita teoria sobre o assunto, pouco auxílio é encontrado na literatura além da educação básica. Talvez este artigo sirva para estimular outros a desenvolver e compartilhar suas descobertas nesta área igualmente.

#### **Condição da Classe e Conteúdo do Curso**

As descobertas que considere mais recompensadoras enquadram-se dentro de duas categorias: a condição da classe (sentimento, caráter) e o conteúdo do curso. A primeira, descrita na Parte I, foi sem dúvida a mais fácil de mudar. Na realidade provou-se também a mais eficiente. A integração do conteúdo do curso (tratada na Parte II) tem sido mais difícil, mas também tem produzido bons resultados. Na tentativa de mudar o caráter de minhas classes, uma dimensão inteiramente nova de ensino se abriu, mudando radicalmente meu relacionamento com o trabalho e o confronto dos alunos com o ensino. Isto aconteceu quando num esforço conjunto procurei fazer do meu trabalho de professor um ministério específico. Determinei que os alunos que se assentassem em minhas classes

---

*Determinei que os  
alunos que se  
assentassem em  
minhas classes  
receberiam mais do  
que simplesmente um  
apanhado geral de  
fatos.*

---

*Bill Walthall é instrutor no Departamento de Fisioterapia, Escola de Profissões da Área Médica, Universidade Loma Linda, Loma Linda, California.*

receberiam mais do que simplesmente um apanhado geral de fatos. Eu não somente lecionaria, mas também zelaria por eles como um pastor por seu rebanho, como um pastor cuidaria de sua igreja. Decidi que eu seria considerado por meus alunos como um professor que tem consideração – não me preocupando unicamente com a disciplina lecionada, mas com eles igualmente.

Segue-se uma lista de pontos específicos:

**1. Entrada.** Quando eu entro na classe comunico logo: “Sinto-me contente por estar aqui, e feliz porque vocês estão aqui”. Algumas vezes eu realmente digo estas palavras. Outras vezes simplesmente transmito isto através de bastante sorriso; estabelecendo um bom contato visual; conversando um pouquinho com alguns alunos individualmente; deixando transparecer confiança em mim mesmo e sentindo-me à vontade, porém entusiasta; vestindo-me distinta e profissionalmente (para mim isto significa gravata e guarda-pó); e sendo pontual. Certifico-me de estar bem preparado para falar sobre o tópico do dia e pronto a responder perguntas.

Por vezes esta entrada entusiasta requer muita energia. Nas manhãs “nubladas” pode exigir um copo de bebida quente ou uma massagem de gelo na minha testa. Se ainda não orei por meus alunos na minha “hora tranquila”, procuro fazê-lo antes das aulas. Este não é um gesto de superstição; creio firmemente que o Espírito Santo começa a trabalhar em minha mente e nas mentes dos alunos.

O que se encerra neste tipo de entrada? Transmite: “eu me preocupo com isto, e você é importante para mim”. Isto em retorno tem seu efeito sobre a atitude dos estudantes com respeito ao ensino.

**2. Aprender nomes.** Chamar os alunos pelo nome faz desenvolver sua auto-estima. Quando há fotografias disponíveis, isto me ajuda a associar o rosto com o nome. Procuro aprender os nomes pelos quais *os alunos gostam de ser chamados*. Lembro-me de uma jovem que era sempre chamada de “Wendy” pelos colegas de classe e demais professores. Eu comecei a chamá-la por seu nome nativo, Choi-King. Quando ela se formou, veio me agradecer por ter sido o único professor a chamá-la por seu nome real. Por que

aprender os nomes dos alunos? Este gesto diz: “Eu o considero; você não é simplesmente um número na classe ou uma nota de aproveitamento”.

**3. Aniversários.** Um item insignificante, você acha? Não para muitas pessoas. Verifico minha lista e procuro saudar os alunos cujos aniversários caem em dias de aula. Outros alunos freqüentemente correspondem oferecendo guloseimas. Neste caso, quanto mais unida estiver a classe, tanto melhor é o efeito. A celebração de um aniversário diz: “Você é uma pessoa especial; reconhecemos isto”. E os alunos adoram ouvir isso de seus professores.

**4. Visitação.** Estabeleci a política da porta-aberta, e procuro fazer-me acessível. Quero que os alunos sintam que podem vir a mim e expressar qualquer

sentimento que desejarem, até mesmo ira. Agindo assim, sinto que posso quebrar o pedestal onde os professores freqüentemente tendem a colocar-se: o desinteresse. Eu realmente gosto de ser mais do que um professor; sinto prazer em ser um amigo, conselheiro, coobreiro. Este item envolve também a visitação – não no lar ou dormitório – mas nos corredores e salas de estar. É proveitoso encontrar um grupo de estudantes e conversar com eles sem formalidades. Algumas vezes convido um aluno a vir e conversar comigo para contar como vão as coisas. Embora na maioria das vezes a conversa gira em torno dos estudos, freqüentemente boas conversas de coração a coração são o resultado. Por falar nisso, descobri que o fato de manter este nível de amizade com os alunos jamais interferiu na



Dale Milam

atribuição de notas, mesmo notas baixas!

**5. Pedidos de oração.** Inicialmente fracassei miseravelmente no que respeita à solicitação de pedidos de oração. Fiz com que os alunos soubessem que os considerava e me preocupava com eles e freqüentemente orei por alguns individualmente. Agora, além de pedir que escrevam seus pedidos num pedaço de papel (o que as vezes é constrangedor para muitos), peço também que anonimamente escrevam o que mais gostam a respeito das aulas. Daí eles partem o papel no meio, e na metade em branco peço que partilhem comigo alguma necessidade específica em sua vida pela qual desejam que eu ore. Nesta metade do papel o nome geralmente é colocado. A reação tem sido tremenda, e me tem concedido melhor discernimento sobre as necessidades dos meus alunos, suas ansiedades, e problemas.

Ocasionalmente, escrevo-lhes um bilhete mostrando que continuo acompanhando o caso com interesse e orando por seus pedidos. Oportunamente com freqüência isso resulta num proveitoso aconselhamento.

**6. Devocionais.** Eu particularmente não gosto da palavra, e descobri que a maioria dos alunos universitários têm antipatia da palavra *devocionais*. Parece inadequado introduzir o termo no ambiente acadêmico. Em vez disso, instituí uma atividade semelhante que eu chamo de “intervalo do hemisfério da direita” (referindo-me ao lado direito do cérebro). Nesta atividade, a qual geralmente planejo para o início das aulas, procuro considerar uma necessidade particular que os alunos possam ter. Exemplos incluem considerar a atribuição de notas sob a apropriada perspectiva; considerar o temor de fracasso acadêmico; equilíbrio entre a vida social e a acadêmica; como integrar a filosofia cristã do aluno à experiência do aprendizado; seleção de companheiros; alvos vocacionais; a vontade de Deus para a vida de cada pessoa; como enfrentar a tensão nervosa ou “stress”; a importância da saúde e do exercício, e assim por diante. Esses intervalos do hemisfério da direita raramente passam de cinco minutos, e não são conduzidos em caráter rotineiro. Além das atividades regularmente planejadas, a consideração de necessidades dos alunos parece apropriada a qualquer momento, uma

***Devido às notas de aproveitamento encerrarem tão poderoso significado para os estudantes universitários, procuro encorajar e elogiar sempre que possível.***

convicção que tem sido reforçada mediante a reação positiva resultante desses intervalos.

**7. Atribuição de notas.** Meu ponto de vista é: proteger os que vão mal, elogiar os que vão bem *ou demonstram melhora*. Para os alunos que deixam de melhorar ou mesmo de atingir notas que permitam aprovação, faço um esforço especial para aconselhá-los a fim de que sua dignidade própria não seja devastada pelas notas. É importante que o aluno que tem notas baixas me considere como um professor de altos padrões, mas não como um castigador. Tenho de ser honesto e realista na atribuição de notas, mas não carente de empatia. Quero que os alunos sintam que podem aconselhar-se e orar comigo a qualquer momento.

Outras opiniões acerca da atribuição de notas: Procuro evitar usar caneta de tinta vermelha. Embora sobressaia e seja mais fácil de ler, também provoca muita emoção negativa no aluno. Agora uso caneta de tinta verde ou azul.

Ao fazer lista de notas, deixei de colocar as notas baixas no final. Você já imaginou ver sempre o seu nome no fim da lista? Isto tem uma conotação negativa e deprecia a dignidade própria do estudante. Felizmente, nossas escolas asseguram privacidade através de um magnífico sistema numérico de identificação que ajuda a proteger os alunos mais fracos.

Devido às notas de aproveitamento encerrarem tão poderoso significado para os estudantes universitários, procuro encorajar e elogiar sempre que

possível. Para auxiliar na realização deste plano, comprei numa livraria cristã local alguns talões de papel de carta decorado. Descobri que enviar bilhetes de encorajamento ou elogio não só promove harmonia como também convence os alunos de que me preocupo com eles. E aprecio receber bilhetes em retorno também!

**8. Boas Maneiras.** Descobri que o fato de tratar os alunos como adultos intensifica grandemente nosso relacionamento. Isto parece razoável – pois *são* adultos! Na verdade, muitos agarram-se às tendências juvenis, mas o fato de reconhecermos e encorajarmos seu lado adulto parece fazer despontar aquele lado nos alunos. Procuro não interromper ou falar condescendentemente. Aprendi a dizer: “Desculpe-me”, “Cometi um engano”, e “Eu estava errado”. Procuro não tornar-me defensivo nem agressivo quando desafiado acerca de questões de exame ou escala de pontos. Procuro não mudar o horário sem pedir permissão ou colocar em votação. Por cortesia, observo criteriosamente os intervalos e termino pontualmente minhas aulas. Estou também aprendendo a rir quando a brincadeira é comigo.

Por último, porém o mais importante, esforço-me para ser imparcial, justo. Nada danificará tanto a harmonia como quando os alunos sentem ter recebido notas ou sido tratados injustamente. A falta de imparcialidade ou justiça gera ira, reduz a credibilidade, e destrói o desejo do estudante de integrar fé e ensino.

Estas são, portanto, algumas maneiras que descobri de fazer do aprendizado uma experiência cristã para o estudante. Nosso exemplo perfeito é o próprio Jesus. Seu ministério de pastorear e zelar foi muito além do Seu ministério de ensinar. Ele ensinou e atendeu as necessidades diárias de Seus ouvintes.

Eu jamais poderei fazer o papel de salvador (creia-me, alunos universitários não o permitem!), mas posso atendê-los através do meu ensino. Esta integração genuína da minha parte parece prover a base para o estudante integrar fé e ensino.